
Ver-o-Peso: corpo espalmado em submundos de Belém do Pará *

*Cilene das Mercês Barreto Nabiça ***

*Raphaella Marques de Oliveira ****

RESUMO: Este trabalho é consequência do acaso. Dos encontros cotidianos ocorridos na maior feira a céu aberto da América Latina. O Ver-o-Peso. Que junto ao centro histórico e comercial que o rodeiam, protagoniza cenas da cidade de Belém, no Pará. Descritas aqui em foto.grafias. Narrativas do dia a dia dos lugares que poucos conseguem enxergar no Ver-o-Peso e em sua imensidão. Lugares guardados em Submundo[s] de um Corpo Espalmado. Aqui, o objetivo é relatar as experiências etnográficas de passagem – que tomam os sujeitos de perto e de dentro – vividas nesses ambientes, por meio de imagens verbais e não-verbais que fundem descobertas/proposições de conceitos e experimentações poéticas em foto e grafia.

PALAVRAS-CHAVE: Ver-o-Peso, corpo espalmado, submundo

* N.Ed.: Em respeito à intenção das autoras, foram mantidas todas as soluções gráficas e de pontuação presentes no original.

* Cilene das Mercês Barreto Nabiça é mestra em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes, do Instituto de Ciências da Arte (ICA), da Universidade Federal do Pará (UFPA). Com Especialização em Ensino das Artes na Educação Básica pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Graduada em Educação Artística, com ênfase em Artes Plásticas, pela UFPA e em Ciências Sociais pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Pesquisa sobre a relação Cidade – Estética – Problemas Sociais, com reflexões que utilizam a intermedialidade (principalmente as linguagens da fotografia, do vídeo e da música aleatória). E-mail: mututi@bol.com.br.

* Raphaella Marques de Oliveira é mestra em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes, do Instituto de Ciências da Arte (ICA), da Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela UFPA. Pesquisa sobre a relação Corpo – Estética – Cidade, em reflexões poéticas que atravessam os campos da Arte, Comunicação e Filosofia. E-mail: raphissima.jornalista@gmail.com.

Observação: Este é um texto coletivo, que reúne as pesquisas realizadas individualmente por cada autora. Parte deste trabalho está inserida na dissertação: “Ver-o-Peso – A Obra: Trabalho, Imagem e Som”, de Cilene Nabiça. Outra parte compõe o caderno de escritos e afetos (dissertação): “[:]ver-o-peso: _poesia em postais do[s] submundo[s]”, de Raphaella Marques de Oliveira.

ABSTRACT: This work is the result of chance. Of everyday encounters occurred in the biggest fair in Latin America. The Ver-o-Peso. That the historical and commercial center surrounding it, star in scenes from the city of Belém, Pará. Described here photo.graphs. Narratives the everyday places that few can see in the Ver-o-Peso and in its immensity. Locations saved in underworld[s] of the flattened body. Here the goal is to report the passage ethnographic experiences – taking subjects near and inside – lived in these environments, through verbal and non-verbal images blowing discoveries/ propositions of concepts and poetic experimentation in picture and spelling.

KEYWORDS: Ver-o-Peso, flattened body, underworld

Belém, rio-cidade. Abraçada pelo rio Guamá, adormecido na baía do Guajará. RuraUrbano. Amazônias. Desde o século XIX guarda o principal centro comercial daqui. O Ver-o-Peso. Que hoje estende às pessoas o significado de estar à margem da cidade.

A fama do título é ainda mais antiga. No século XVII era Casa de Haver o Peso. Posto de fiscalização portuguesa, em um alagadiço sobre o rio Piri _rio que não era rio_ Igarapé hoje aterrado na urbe, enterrado na história. Era Belém a sede das capitanias. A ela chegavam os produtos para haver o peso: controle de quantidade e pré-distribuição do material a ser comercializado.

Para chegar à doca do Ver-o-Peso daquele século XIX, só com a repartição extinta. A Casa fora arrendada e no meio do século o local transformado. Além de ver o peso e constatar que era *vero*, o peso, agora já se vendia ali mesmo a mercadoria. Peixe fresco, a princípio_

O tempo passou. Feira tomou corpo. Criou fama. Múltiplos seres. Funções outras. Negociação de todo modo. Organização coletiva própria. Cenários em turnos. Tempos e Espaços diversos. Fenômeno urbano resultado do texto e da escritura da cidade. É preciso ler na mensagem: homem: acontecimento coletivo: relações sociais com o espaço: [re]significações.

Em 1977 o Ver-o-Peso foi tombado. Características arquitetônicas, urbanísticas e paisagísticas com reconhecimento institucional¹. Ponto para o cartão-postal. O turista agradece [!] Palácios, igrejas, casarios, docas de embarcações e fortificações, mercados e logradouros de influência europeia *envelhecendo sem dignidade. ruas antigas com seu tímido sorriso cariado*².

, divisor das águas e do asfalto, do trânsito urbano e do rio e da [des]ordem construída internamente pelos seus diversos territórios. O Ver-o-Peso é hoje um complexo. Emaranhado de

espaços, identidades, produtos. Complexidade para além de sua estrutura física. Para uns, ambiente de circulação, consumo ou exotismo³. Para outros, construção silenciosa de relações sociais significativas. Afetividades. Identificações peculiares a cada sujeito que por ele transita. Por vezes, reafirmação do ser num jogo de poderes –

Doca de Embarcação, Feira Livre, Mercado de Carne, Mercado de Peixe, Feira do Açaí. Geograficamente aglutinados. Um a extensão do outro. Alcançando também o Centro Histórico da cidade [:] Museus, prédios públicos⁴ municipais e estaduais, caminhos de vendedores ambulantes. Camelôs do reconhecimento social, marreteiros⁵ de sobrevivências –

: É tanta gente. Tanto calor. Tanta água. Tanto cheiro. Tanto bate-palma. Tanta intimidade. Tanto apelido. , tinha que ter mais de um nome, uá!⁶

–Desce mais uma cerveja! –Traz o camarão! –Olha que o sol tá indo! –E a terceira divisão? –Não, o meu Leão⁷, não! [e assim a gente vai anoitecendo no Veropa...]⁸

Ao mais que longe de um simples ponto comercial ou mercado de bairro. Está no centro da cidade. Transfere ao plano simbólico o fato de estar entre o centro e a campina⁹. E dividir a nova da cidade velha¹⁰.

Por entre suas trilhas, dispersam-se os odores das comidas, dos animais, dos matos, das essências, dos ofícios, das madeiras, dos sons, dos resmungos, das medicinas. Rezingas de memória e patrimônio_ As famosas vendedoras de ervas. Os trabalhadores informais e todo tipo de produto. Os conhecedores dos inúmeros peixes da região. Os pratos que combinam o açaí a todo tipo de comida, típica ou não¹¹_

[...]

, mas esta é uma busca por mundos além do que, e de quem, se vê.

[...]

o Pulso. a Pele. os Braços e as Pernas daqueles.

Ver-o-Peso: maior feira a céu aberto da América Latina. Mercado livre.

Ver-o-Peso: por si só um lugar de passagem, um ambiente onde as relações comerciais são predominantes. E há negociações por todo lado. _Há infinitos ofícios e modos de fazer que estão demarcados nos vários chãos, que se estendem em calçadas, que margeiam o itinerário da Pedra¹², que ancoram as embarcações assoberbadas da fartura produzida pela região.

O trabalho nasce antes mesmo do lugar Ver-o-Peso. Nasce à beira da praia¹³, agora inexistente. No primeiro núcleo urbano da Amazônia¹⁴. No primeiro vestígio de porto. Na primeira necessidade de ancorar.

Etnograficamente se adentra à feira, percebe-se as negociações, os trabalhos, as transações. E mais que isso [-] ao longo dos percursos opta-se por construir os próprios caminhos, que permitem observar os sujeitos, suas falas e atividades diárias, seus comportamentos e conflitos.

: uma *etnografia de passagem*. Que guia a atravessar as várias esferas e conduz a um necessário *estar perto e dentro* desse corpo, provando de seus tecidos, órgãos, ossos, emoções.

Sim, esse Corpo. Descoberto, desvelado durante as passagens por lá. Por corredores labirínticos, subscritos na cidade que os abriga.

[proposição de conceitos inscrita na vivência mesma dos tais Ver-o-Pesos.]

Passagem_estado de translucidez.

,que ao mesmo tempo se mostra e transparece, causando em meio à turbulência da feira estranhamento nos sujeitos pesquisados e pesquisantes. Um Ver-o-Peso em diluições, que permite penetrar em seus estados e sentidos múltiplos num distanciar-se / aproximar-se do comum, das sensações e fruições, atravessando fronteiras, reagindo ao que está ante ao sentido liminal¹⁵.

Corpo_Espalmado.

, a feira e a imensidão que a contorna - centro comercial e histórico de Belém-Pará : metáforização de um corpo espalhado, multiplicado : espaço/ lugar físico, orgânico, subjetivo : espaço/ corpo urbano e humano : espaço estilizado de histórias e memórias; espaço/corpo/margem de transições e fronteiras borradas : ambientes mundanos e plurais : margeados de odor, sentidos, silêncios, vozes, ruídos, umidescências, transições, transgressões, suores, pulsações, sofreguidão. Movente, tal qual um conceito em constante formação.

Submundo[s]_por onde se espalma aquele corpo.

, não o que pudesse estar abaixo, por critérios de geografia, classe econômica ou *status* social.

, sim o que está [sub-]escrito: subscrito. do que não dá para perceber nos cartões postais da cidade, ou apreender numa rápida espiada pela feira, ou interpretar sem liberdade de pensamento.

Ver-o-Peso e seu centro comercial contêm a imensidão não-verbal da urbe [:] significações escondidas em corredores de uma feira, de um grande complexo de negociação, de corpos urbanos do dia da noite da madrugada. Submundo[s] de um Corpo Espalmado.

aqui, intimidades do rio, da cidade, do descobrir o outro. da dos outros com a feira, o trabalho informal, as valas, os ratos, as pichações, as vísceras de animais, os subempregos, as mandingas, a prostituição, os vícios.

entre imagens foto-gráficas de encontros quaisquer no Ver-o-Peso.

Foto.Grafias



Cilene Nabiça

Movimento nas barracas da Feira Livre do Ver-o-Peso, 2013.

[:] *tamo* há quatro meses aqui na Feira Livre,
mas já trabalhamos vendendo comida lá na Feira do Açaí.
minha irmã e eu fomos criados com a venda da feira,
a mãe também.
desde os 16 anos dela ajudando minha avó.
hoje a mãe *tá* com 43 anos [!].
eu comecei com 11 anos, já *tô* com 28.
mas a gente fica aqui no máximo por mais dois anos.
não gosto do ambiente daqui , nem de trabalhar com cerveja.
_é muita prostituição.
aqui tem de tudo [...], mas a gente só vende cerveja...
quem quiser comer ou se divertir de outra forma não é com a gente!
_vou juntar mais dinheiro
e abrir minha loja de tecido no Comércio.
ainda não deu pra fazer porque tive que comprar um carro pra família.
isso aqui é só um quebra-galho mesmo –



Cilene Nabiça

Caixote de vendedor ambulante coberto com lona de proteção, 2014.
Centro Comercial de Belém, imensidão do Ver-o-Peso

eu vendo aqui no ver-o-peso porque aqui é muito bom.

é muita gente, é animado...

_ai, já andei pra caramba... tô tão cansada...

–posso sentar aqui com vocês?

[...]

eu vendo *pras menina das barraca* e também tenho outra freguesia

mas essa foi a primeira calcinha vendida hoje!

_andei o dia todo e só agora alguém comprou.

[...]

olha, pra vocês pararem de perguntar, eu vou falar uma coisa:

[:] aqui tem que tomar cuidado

não só vocês, mas eu

se eu falar alguma coisa, no outro dia é facada, terçadada [...]

e não é só à noite, é o dia todo [!]

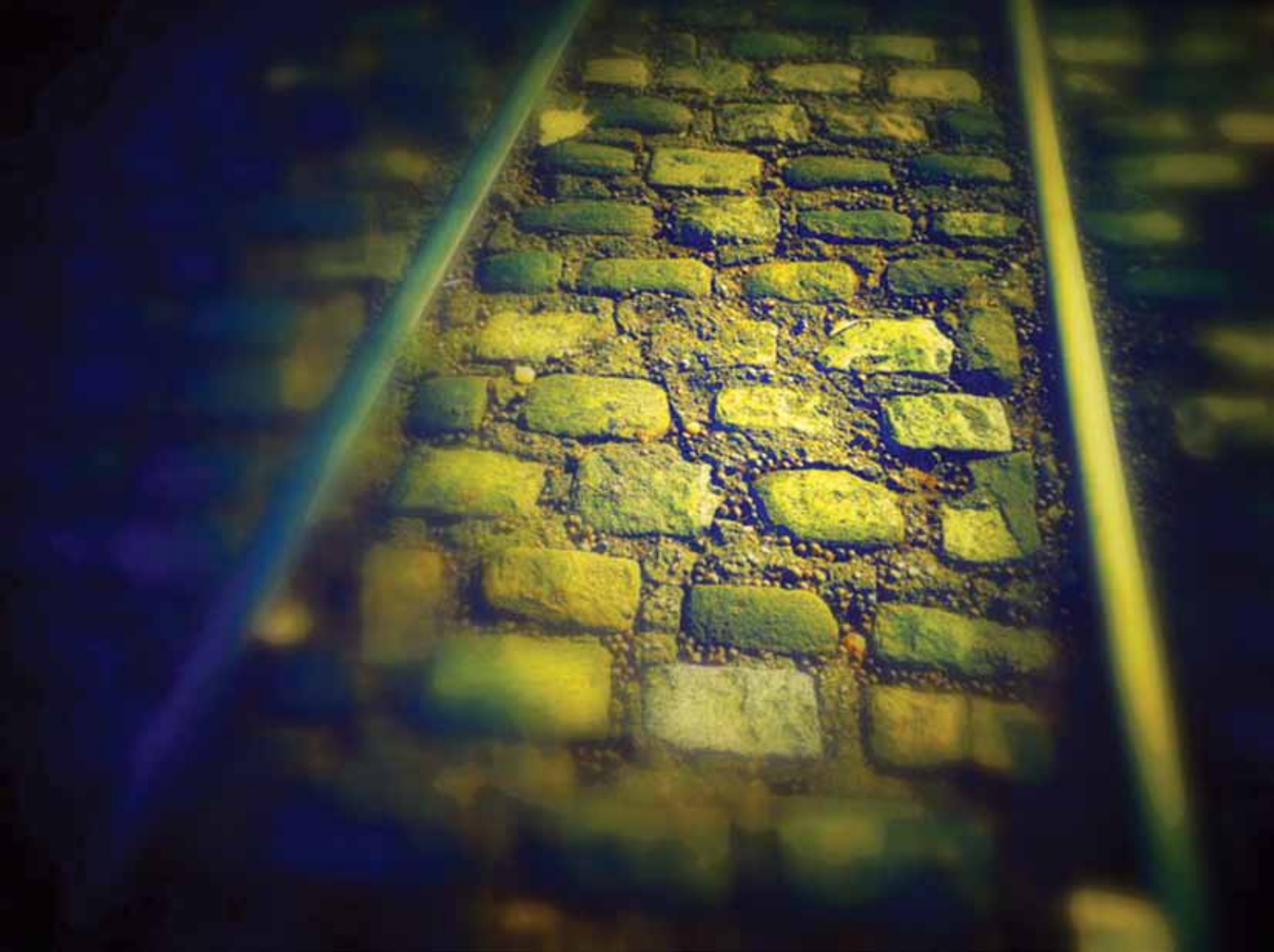
_tem sempre algum fiscal

_se *tu falar*, tem quem veja!

sim, mas deixa eu ir..

– vocês já sabem o esquema, então... [?!]

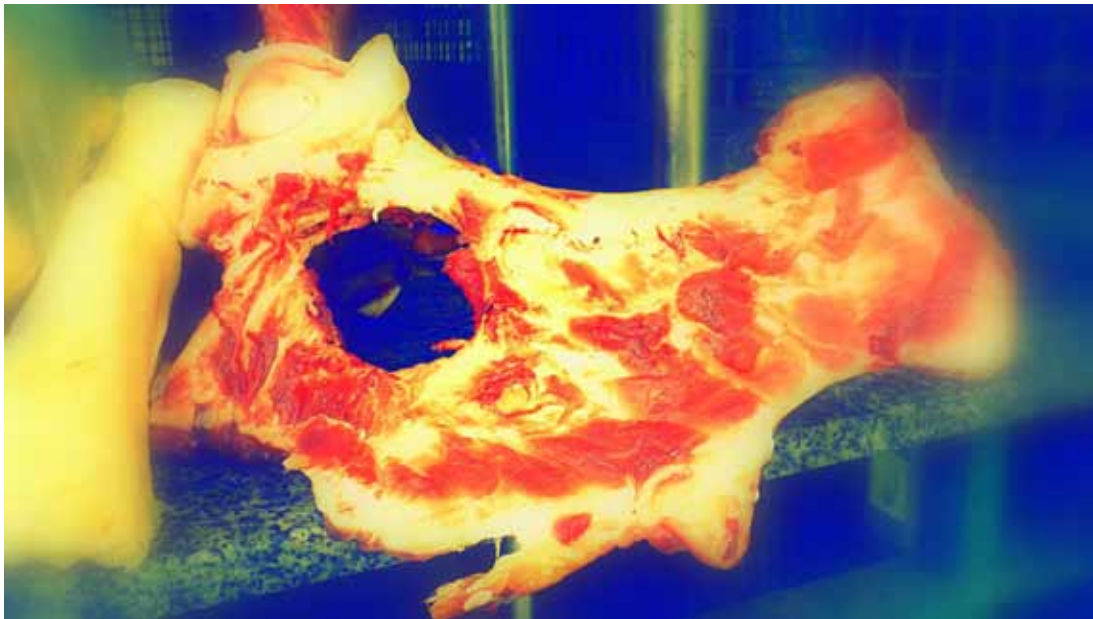
tchau, desculpa o incômodo! –



Cilene Nabiça

Chão da Feira do Açaí, entre ladrilhos, trilhos e caroços de açaí, 2014.

meu nome é Antônio Cícero.
mas só minha mãe me chamava assim...
quando comecei a ir pra rua,
os *muleque* me apelidaram de Uxi.
depois que caí na vida, comecei trabalhar, ganhar meu dinheiro,
ter moral com a rapaziada, ganhei mais um apelido: Peri.
menina, tô com 63 anos, e sou marinheiro de coração.
[já me aposentei da Marinha Mercante, que agora tá só na lembrança.]
hoje só exerço os meus ofícios: _amar o mar, a bebida, as mulheres.
vem comigo que tu *vai* conhecer todas as línguas desse mundo.
inclusive a minha –



Cilene Nabiça

Carne exposta em balcão do Mercado de Carne, 2013.

[rapidinho, [:] conversa de bueiro!]

[:]

– ai, *tô* cansada dele, mas foi o único que eu arranjei hoje!

pior que ele não quer me largar! é cliente, sabe?!

tu não *tem* cara de quem tem cliente, por isso que *tô* falando pra ti....

_não dá mais pra mim a noite, tenho que me aposentar.

já comecei a encaminhar minha sobrinha.

ela vai dar o jeito dela de fazer esse pé de meia!

mas *vamo* voltar porque senão o outro vai estranhar [!]

_ai, tá na hora é d’eu me apaixonar...

[mas esquece o que te falei!] –



Cilene Nabiça

Corredor de barracas no Centro Comercial de Belém, imensidão do Ver-o-Peso, 2014.

[...] *tás* ficando doida, mana?

[~~]

pode *vim* aqui sim, freguesa, que a gente trabalha é com mato *mermo!*

num ouve essa daí que ela acha que é muito chique [...]

_tu vende o quê, então, mana?![!]

ora, se o pessoal vem atrás da gente querendo erva...

isso é mato, sim!

eu sou erveira-mateira [!], que nem a minha mãe!

agora vê, se essa Socorro, que tá aqui faz é tempo, diz que não vende mato,

_como é que fica a nossa fama???

Notas

1 Tombamento realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. O Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Ver-o-Peso e áreas adjacentes - incluindo a Praça Pedro Segundo, o Boulevard Castilhos França, o Mercado de Carne e o Mercado de Peixe – é reconhecido em Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; Tombo Histórico; e Tombo das Belas Artes. Importante destacar que a mesma área é tombada pelo município de Belém, sob a denominação de Centro Histórico de Belém, este ocorrido apenas em 1994.

2 *Ruas vazias*. Em: PAES LOUREIRO, João de Jesus. Obras reunidas. São Paulo: Escrituras, vol. 1, 2000, p. 280-281.

3 Um dos valores agregados ao Ver-o-Peso e que o transformou em produto turístico conhecido internacionalmente.

4 Nas proximidades do Ver-o-Peso e centro comercial estão situados: Prefeitura Municipal de Belém, Ministério Público do Estado, Poder Judiciário, Assembleia Legislativa do Estado do Pará, Tribunal Regional Eleitoral.

5 Vocabulário regional, equivalente a *camelô*.

6 Palavra existente no dialeto *Cametaês*, típico do município de Cametá, na região do Baixo Tocantins, no Pará. Uá, segundo o Cametaês: interjeição, equivalente à *fazer o quê?*.

7 Apelido dado pela população a um dos clubes de futebol mais tradicionais do Pará, o Clube do Remo, que tem como maior rival o Paysandu Esporte Clube.

8 Apelido dado ao Ver-o-Peso pela própria população.

9 Centro [ou Comércio] e Campina são dois bairros da cidade de Belém que abrigam juntos o maior núcleo comercial/financeiro e cultural da cidade. No entanto, especificamente a palavra Campina é tratada neste trabalho a partir de sua etimologia, para fazer referência àquilo que não é povoado e é relativo ao campo, em contrapartida à ideia de centro, como *lugar de maior movimento*.

10 A contraposição de ideias entre *nova e cidade velha*, neste caso, diz respeito à divisão entre o bairro da Cidade Velha – o mais antigo de Belém e que está na imensidão do Ver-o-Peso – e o restante da cidade, que se modernizou ao longo do tempo.

11 Ver-o-Peso, dados oficiais: 8 setores; 873 feirantes, cadastrados e ambulantes; 1.320 barracas. Mas para os feirantes, eles são aproximadamente 1.500. Reflexo do habitual conhecimento popular. [Secretaria de Comércio da Prefeitura de Belém – SECOM e Comissão de Feirantes]. Ver: LEITÃO, Wilma Marques (org.). *Ver-o-Peso: estudos antropológicos do mercado de Belém*, 2010.

12 Segundo Wilma Leitão, a Pedra do Peixe do Ver-o-Peso “é onde o pescado é desembarcado *in natura* e comercializado por atacado no meio de muita lama e gritaria [...] quando amanhece o dia e se encerram as negociações do pescado a Pedra é lavada e, dependendo da época do ano, no mesmo lugar podem ser expostos alguns outros produtos para venda no atacado, como abacaxi, melancia, banana ou cachos de pupunha que são produtos que ocupam muito espaço. Ou ainda principalmente durante o período que antecede o Círio, lá são depositados os galhos da mandioca e se inicia as atividades de “pelar”, isto é, retirada de folhas de maniva que, depois de moídas, vão ser a base de um dos principais pratos típicos paraenses, a maniçoba.” (LEITÃO, 2010, p. 27-29)

13 A Praia compunha a paisagem original e testemunhou a construção do Forte do Presépio em 1616. A perda da praia se deu ao longo da evolução histórica e urbana de Belém com intensa ocupação e reconfiguração de sua orla. Essa “transformação se deu pela atuação do Poder Público através dos poderes militares e religiosos – no processo de urbanização, com obras de aterramentos, saneamentos, rampas, trapiches, docas, portos, edificações, logradouros.” ARRUDA, Euler Santos. Porto de Belém do Pará: Origens, Concessão e Contemporaneidade. Rio de Janeiro, 2003, p. 11-12. Disponível em: <<http://fauufpa.files.wordpress.com/2012/03/eulersantosarruda.pdf>>.

14 A fundação de Belém pelos portugueses em 12 de janeiro de 1616 é marcada com a construção do Forte do Presépio às margens da Baía do Guajará. Nele, a cidade nasceu e se expandiu definindo o primeiro núcleo urbano na Amazônia brasileira.

15 A partir da Teoria de Liminalidade, de Victor Turner, o sentido de liminal aqui é deslocado para a compreensão da globalização e das identidades culturais. Por liminal entende-se o espaço de comunicação intercultural, ou situações fronteiriças ou limítrofes; Bhabha (1994) aborda o espaço liminal com relação à interculturalidade; Shields (1991) compreende liminal como espaço intermediário. (LIE, 2009, p. 4-5)

Referências

Livros:

CASTRO, Edna. *Cidades na Floresta* (org.). São Paulo, Annablume, 2008.

LEITÃO, Wilma Marques (org.). *Ver-o-Peso: estudos antropológicos do mercado de Belém*. Belém: NAEA, 2010.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. *Obras reunidas*. São Paulo: Escrituras, vol. 1, 2000, p.280-281.

TOCANTINS, Leandro. *Santa Maria de Belém do Grão Pará*. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda., 1987.

Periódicos:

LIE, Rico. Espaços de comunicação intercultural. *Revista Elementa. Comunicação e Cultura*. Sorocaba, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-45, jan./jun. 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, 2002.

Livros *on-line*:

ARRUDA, Euler Santos. *Porto de Belém do Pará: Origens, Concessão e Contemporaneidade*. Rio de Janeiro, 2003, p.11-12. Disponível em: <<http://fauufpa.files.wordpress.com/2012/03/eulersantosarruda.pdf>>. Acessado em 15/03/14.

DICIONÁRIO PAPA XIBÉ. Cametaês. Pará: 2008. Disponível em: <<http://artepapaxibe.wordpress.com/dicionario/>>. Acesso em 02/11/13.

Periódicos *on-line*:

IPHAN. Ver-o-Peso: conjunto arquitetônico e paisagístico (Belém-PA). Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_arque.gif&Cod=1484>. Acesso em 20/07/13.

MERCADO VER-O-PESO, Belém, Pará. Biblioteca da Fundação Joaquim Nabuco. DF: 2010. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=768&Itemid=1>. Acesso em 20/07/13.

VER-O-SITE. O mercado e a história de Belém: um pouco da história do Ver-o-Peso. Centro de Memória da Amazônia. Universidade Federal do Pará. PA: 2010. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/cma/verosite/historico.html>>. Acesso em 08/01/14.